



Ecoteologia como Esperança para a Criação: uma leitura teológica da crise ecológica a partir de Moltmann e Boff¹

*Ecoteology as Hope for Creation: a theological reading of the
ecological crisis from Moltmann and Boff*

Tainan Araújo Saar [a] 
São Leopoldo, RS, Brasil
[a] Faculdades EST

Pablo Fernando Dumer [b, 2] 
São Leopoldo, RS, Brasil
[b] Faculdades EST

Como citar: SAAR, Tainan Araújo; DUMER, Pablo Fernando. Ecoteologia como Esperança para a Criação: uma leitura teológica da crise ecológica a partir de Moltmann e Boff. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 18, e2633453, 2026. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.18.e2633453>

¹ Este artigo é fruto da pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Teologia apresentado pelo primeiro autor, orientado pelo segundo, e aprovado em 04 de julho de 2025. O artigo resume o estudo e traz contribuições inéditas da parte do segundo autor.

² O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

[a] Bacharel em Teologia pela Faculdades EST, e-mail: tainanaraujo9@gmail.com

[b] Doutor em Teologia pela Faculdades EST, Pós-doutorando com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior [CAPES], e-mail: dumerluterano@gmail.com

Resumo

Este artigo investiga as contribuições de Jürgen Moltmann e Leonardo Boff para a formulação de uma ecoteologia contemporânea. O problema que orienta a pesquisa é a crise ecológica global, compreendida não apenas como desafio ambiental, mas como expressão de uma ruptura teológica e civilizatória entre humanidade, Deus e Criação. O objetivo consiste em analisar como a teologia da criação, reinterpretada a partir de Moltmann e Boff, oferece fundamentos éticos, espirituais e epistemológicos para a superação do paradigma moderno de dominação e instrumentalização da natureza. A metodologia empregada é bibliográfica e hermenêutica, com análise crítica de textos teológicos centrais dos dois autores, articulados à reflexão contemporânea sobre ecologia e espiritualidade. Os resultados apontam que a ecoteologia, ao recuperar o sentido teológico da Criação e a ética do cuidado, propõe um novo paradigma de relação entre ser humano e mundo, que vai além de uma resposta ética à crise ambiental. Ela se configura como espiritualidade integral e como epistemologia alternativa, capaz de romper com o reducionismo moderno e oferecer uma via de “reencantamento” do mundo, orientada pela interdependência, pela dignidade da vida e pela esperança escatológica.

Palavras-chave: Ecoteologia. Criação. Moltmann. Boff. Crise ecológica.

Abstract

This article investigates the contributions of Jürgen Moltmann and Leonardo Boff to the formulation of a contemporary ecotheology. The problem that guides the research is the global ecological crisis, understood not only as an environmental challenge, but as the expression of a theological and civilizational rupture between humanity, God, and Creation. The objective consists in analyzing how the theology of creation, reinterpreted from Moltmann and Boff, offers ethical, spiritual, and epistemological foundations for overcoming the modern paradigm of domination and instrumentalization of nature. The methodology employed is bibliographical and hermeneutical, with critical analysis of central theological texts of both authors, articulated with contemporary reflection on ecology and spirituality. The results indicate that ecotheology, by recovering the theological meaning of Creation and the ethics of care, proposes a new paradigm of relationship between human being and world, which goes beyond an ethical response to the environmental crisis. It is configured as integral spirituality and as an alternative epistemology, capable of breaking with modern reductionism and offering a path of “re-enchantment” of the world, oriented by interdependence, the dignity of life, and eschatological hope.

Keywords: Ecotheology. Creation. Moltmann. Boff. Ecological crisis.

Introdução

A relação entre humanidade e natureza tem sido, ao longo da história, marcada por tensões entre cuidado e exploração, contemplação e dominação. Em meio aos inúmeros avanços tecnológicos e científicos que caracterizam o mundo moderno, o ser humano, por vezes, parece ter perdido de vista sua responsabilidade primordial diante da criação: a de cultivá-la e protegê-la como uma dádiva que lhe foi confiada por Deus. A criação, muitas vezes vista como cenário neutro ou recurso a ser explorado, é, na tradição bíblica, expressão direta da bondade e da beleza divinas. Deus, ao criar o mundo e todas as formas de vida, viu que “tudo era bom” (Gn 1), e confiou ao ser humano a missão de viver em harmonia com esse todo, num pacto de reciprocidade, cuidado e reverência.

A crescente degradação ambiental, a crise climática e o colapso dos ecossistemas não são apenas resultados de falhas econômicas ou políticas, mas também sintomas de uma crise espiritual profunda. Ao romper sua aliança com a terra, o ser humano rompe também sua comunhão com o Criador. É nesse contexto que a Ecoteologia ganha relevância: como um campo do saber teológico que busca integrar fé, espiritualidade e compromisso ético com o meio ambiente, oferecendo respostas fundamentadas às urgências de nosso tempo. A Ecoteologia não se limita a uma crítica à destruição da natureza, mas propõe um novo modo de compreender a criação, como casa comum, como templo da presença divina, como expressão do amor criador de Deus. O Papa Francisco, em sua encíclica *Laudato Si'*, clama por uma “conversão ecológica” que una todas as dimensões da vida humana em um novo pacto com a Terra. O Papa diz: “Das mãos de Deus recebemos um jardim, aos nossos filhos não podemos deixar um deserto.”³ Essa advertência expressa a urgência do momento que vivemos: somos chamados a uma ação imediata e comprometida, que una fé, ciência, espiritualidade e justiça social em prol da vida.

Dessa forma, este artigo busca desenvolver uma reflexão ecoteológica a partir da leitura dos relatos bíblicos da criação, dialogando com a teologia, a ecologia e as ciências humanas, com o objetivo de identificar os fundamentos de uma espiritualidade ecológica cristã. Ao longo do texto, serão explorados os conceitos de Ecologia, Ecoteologia, Ecosofia e Ecofeminismo, na tentativa de propor caminhos de reconstrução da relação entre ser humano e meio ambiente. Além disso, serão analisadas as contribuições de autores como Leonardo Boff e Jürgen Moltmann, que oferecem perspectivas relevantes sobre o papel teológico do ser humano como cuidador da criação. Em tempos de crise ecológica global, pensar teologicamente sobre a criação não é um luxo acadêmico, mas uma urgência ética e espiritual. Este estudo, portanto, pretende ser uma contribuição para esse esforço coletivo, propondo que o reencontro com a criação é, também, reencontro com o Criador, e que só será possível um futuro digno para as próximas gerações se houver uma profunda conversão no modo como habitamos, compreendemos e cuidamos da casa comum.

O presente artigo adota uma metodologia de caráter bibliográfico e hermenêutico, com abordagem analítico-comparativa. A escolha de Jürgen Moltmann e Leonardo Boff se dá pela centralidade de ambos na consolidação da ecoteologia contemporânea e propositalmente para um diálogo ecumênico entre tradições protestante e católica diante da crise ecológica global. O estudo tem como foco a análise crítica de obras centrais desses autores, buscando identificar convergências, tensões e complementaridades em torno da teologia da criação, da espiritualidade ecológica e da ética do cuidado. A hermenêutica bíblica, especialmente dos relatos de Gênesis 1–2, atua como mediação teológica fundamental, permitindo articular criação, esperança escatológica e responsabilidade ética no contexto da crise socioambiental contemporânea. Por fim, a análise comparativa desenvolve-se a partir de núcleos temáticos convergentes,

³ FRANCISCO, Papa. *Plataforma de Ação Laudato si'* – mensagem de vídeo. Vaticano, 25 maio 2021. Disponível em <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-05/papa-francisco-mensagem-video-plataforma-de-acao-laudato-si-21.html>> Acesso em 23 de abr. de 2025.

buscando explicitar aproximações, distinções e deslocamentos teológicos entre as duas propostas. Sustenta-se, portanto, que a ecoteologia não constitui apenas uma resposta ética à crise ambiental, mas uma proposta epistemológica alternativa ao paradigma moderno de objetificação da natureza.

A Criação na tradição bíblica

Estudos revelam que os textos bíblicos, em especial o bloco de Gênesis 1-12, remontam à história de um período anterior à formação do Estado monárquico israelita, isto é, anterior à estruturação de governos amplos e que defendiam interesses de grandes grupos familiares. Entretanto, as histórias que ali são contados estão inseridas em um contexto totalmente oposto, são formulações de um tempo em que o povo vivia em grupos menores e suscetíveis a perigos iminentes, onde era necessário invocar a divindade protetora que lutava por eles.⁴ Dessa forma, as histórias de Gn 1-12 retratam o período patriarcal e primordial, os estudiosos reconhecem que sua redação final ocorreu durante o Exílio na Babilônia (século VI a.C.). Esses textos não foram apenas preservados, mas também organizados e reinterpretados à luz da experiência traumática do exílio, quando o templo havia sido destruído e o povo vivia longe de sua terra, imerso em uma cultura estrangeira e dominadora.⁵

No contexto desse bloco bíblico encontram-se os relatos da criação (Gênesis 1-2) da tradição bíblica. Trata-se, contudo, de duas concepções da criação de Deus e consequentemente pode ser relacionado a duas culturas distintas, prova disto pode ser vista em sua forma de linguagem. O primeiro relato, Gn 1 - 2.3, contém a afirmação de que “o mundo que existe e se experimenta como criação é obra de Deus”⁶, ou seja, o todo da criação era percebido como sendo obra das mãos do Deus que forma e molda tudo na mais perfeita ordem e sincronia, a saber, forma tudo em exatos seis dias. Por outro lado, no capítulo 2 aborda uma proximidade maior entre a dimensão da criação com a relação do ser humano com a terra.⁷ Os estudos bíblicos apontam que a distinção desses dois relatos da criação advém de duas fontes diferentes, o Escrito Sacerdotal e a fonte Javista.⁸

Sem entrar em pormenores exegéticos, é importante concentrar-se, teologicamente, na busca por decifrar o papel da criação e do ser humano nos relatos da criação:

O conjunto dos primeiros relatos da criação se estruturam em primeira parte com a fundação em seis dias do universo e tudo o que nele habita pela palavra criadora de Deus, com desfecho na celebração, pelo próprio Deus, de um repouso sabático no sétimo dia: prova de que a criação pode, por causa da bênção, funcionar por si mesma (Gn 1). E a segunda (Gn 2), a partir do olhar sobre a criação dos seres vivos, especialmente do homem (*hā'ādām*, o “terreno”), encarregado de ser o guardião de um jardim requintado; os animais são criados com o objetivo primeiro de complementaridade comunicativa ao homem.⁹

Cada um dos relatos proporciona refletir o papel de Deus no ato criador, ou seja, entender o que cada elemento da criação comunica com o criador e como o criador comunica com cada elemento da criação. Como exemplo desta relação, o biblista luterano Haroldo Reimer observa na descrição de Gênesis 1:

Com a dignidade própria assegurada aos outros elementos da criação, o ser humano é pensado e afirmado como um elemento integrado na criação. É verdade que lhe é assegurado um elemento especial, que é o de

⁴ GERSTENBERGER, Erhard S. *Teologias no Antigo Testamento: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, EST, 2007, p. 47.

⁵ REIMER, Haroldo. *Gênesis: casa comum: espaço de vida, cuidado e felicidade: Encontros Bíblicos, Gênesis 1 a 11*. São Leopoldo: CEBI, 2007, p. 12.

⁶ REIMER, 2007, p.12.

⁷ REIMER, 2007, p.16.

⁸ RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 92.

⁹ RÖMER, 2010, p. 148.

ser a imagem e semelhança do criador (Gn 1,26-31). Como tal, o ser humano recebe um mandato, afirmado no texto com palavras muito pesadas como: “dominar a Terra e subjugar os animais” (Gn 1. 28). Estes verbos “dominar” e “sujeitar” são termos tomados da linguagem dos reis dominadores.¹⁰

Tendo como princípio de estudo o texto de Gênesis 1, pode-se observar que além do ato criacional, há também como plano de fundo a afirmação direta da soberania e do poder divino: “E disse Deus...”. Essa afirmação demonstra que a divindade determina, tem o papel de colocar ordem, ou seja, ordena, e a partir disto começa a surgir forma. É a partir daí que, como descrito pelo texto, o caos deixa de existir e passa a receber ordens que moldam o ambiente e a partir disto o ser humano passa a ser entendido como dominador, como chefe da criação tal qual Deus domina e cria o mundo.¹¹

Já no relato de Gn 2, transcreve a criação de forma sucinta, onde coloca o ser humano como um jardineiro de toda a criação para cuidar dela com o mesmo cuidado com o qual Deus o fez. Para entender a obra do segundo relato da criação, Adão é criado como colono, para a roça (v.2), para o trabalho nela (v.15), para a lida de animais (v.18ss). Ao menos o cap. 2 não provém do mesmo ambiente cultural urbano e imperial que influenciou outros textos do Antigo Oriente. Ao contrário, sua linguagem e imagens como o jardim, a terra cultivada, os rios, os animais domésticos e a formação do ser humano a partir do solo, sugerem um contexto camponês ou colono, mais ligado à vida agrícola e à relação direta com a terra. Trata-se de uma teologia da criação enraizada na experiência da terra cultivada, o que contrasta com o tom mais cósmico e universal do cap. 1.¹²

Todavia, para se fazer apontamentos mais amplos para compreender seu sentido e significado, é preciso primeiro buscar pela história e contexto em que cada texto se formula e para qual contexto e povo ele se destina. Conforme Reimer:

Tradicionalmente, afirma-se que Gênesis 2 é um texto mais antigo do que Gênesis 1. Alguns até dizem que seria lá dos tempos iniciais da monarquia em Israel, talvez no século X a.C. Diz-se mais: que a perspectiva é outra. Em Gênesis 1, o olhar é feito a partir da realidade da vida no exílio na Babilônia; no capítulo 2, o olhar é a partir da realidade de vida no mundo agrário da Palestina. O que foi formulado neste texto reflete e projeta muito mais a proximidade das pessoas com a dimensão da vida na roça das terras de Israel.¹³

Os relatos da Criação em Genesis 1-2 não apenas expressam diferentes tradições literárias e contextos históricos, mas também revelam compreensões teológicas distintas sobre a relação entre Deus, o ser humano e a Criação. Enquanto o primeiro relato destaca a soberania divina sobre o cosmos e insere o ser humano como imagem de Deus, chamado a “dominar” a Terra, o segundo enfatiza a proximidade do ser humano com a terra cultivada e a responsabilidade de cuidar dela. Ambos os textos, contudo, convergem no reconhecimento de que a vida e o mundo não são frutos do acaso, mas resultado da ação criadora de Deus, que confere sentido, ordem e dignidade à existência.

Paradigmas ecológicos

Ao considerar que os relatos bíblicos da criação já apontavam para uma relação de cuidado e interdependência entre o ser humano e a terra, torna-se imprescindível retomar tais fundamentos à luz dos desafios contemporâneos. A crise ecológica atual exige não apenas soluções técnicas, mas sobretudo uma renovação de paradigmas que articulem ciência, ética, espiritualidade e prática social. Nesse horizonte,

¹⁰ REIMER, 2007, p. 14.

¹¹ REIMER, 2007, p. 13.

¹² SCHWANTES, Milton. *Ensaio sobre uma Teologia do Antigo Testamento: Questões abertas e Gn 1-11*. São Leopoldo: s.n., 1980, p. 126.

¹³ REIMER, 2007, p.18.

discute-se, abaixo, sobre os diferentes conceitos e correntes ecológicas, pois eles oferecem instrumentos teóricos e sensíveis para repensar a vocação humana no mundo, a fim de fundamentar uma ecoteologia capaz de responder às urgências do nosso tempo.

Conceito de Ecologia

Se, como visto acima, os autores bíblicos já reconheciam a criação como uma realidade sagrada e relacional, especialmente no segundo relato do Gênesis, em que o ser humano aparece profundamente vinculado à terra e ao restante dos seres vivos, é necessário refletir sobre como essa percepção se enfraqueceu ao longo da história. A concepção de uma criação interdependente, sustentada por um vínculo entre o humano e o meio que o cerca, foi gradualmente substituída por visões mais utilitaristas e fragmentadas da realidade. Essa ruptura só começou a ser questionada mais sistematicamente em tempos recentes, quando a ecologia surgiu como campo de estudo e consciência crítica diante das consequências ambientais provocadas pela ação humana. Nesse contexto, torna-se urgente retomar, à luz da teologia e da ciência, uma visão integrada da criação que reconcilie o ser humano com a Terra.

A origem do conceito de ecologia remonta a 1869, na Alemanha, com o biólogo Ernest Haeckel. Etimologicamente, o conceito vem do grego: *oikos* (casa) e *logos* (estudo).¹⁴ Até a proposta apresentada por Haeckel, não havia uma delimitação científica clara do meio ambiente enquanto espaço que o ser humano habita como uma casa comum com os demais seres vivos. A ecologia, inicialmente concebida como ciência das relações entre os seres vivos e seu ambiente, ampliou progressivamente seu escopo, incorporando dimensões éticas, sociais e espirituais. Tal ampliação permitiu compreender que a crise ambiental não é apenas biológica, mas civilizatória, exigindo uma revisão dos modos de produção, consumo e relação com o mundo natural.¹⁵

A constatação de que o ser humano não é apenas um espectador ou dominador da natureza, mas parte indissociável dela, ressignifica o papel da humanidade dentro do meio ambiente. Esse movimento de reconexão entre o ser humano e o meio ambiente culmina em novos paradigmas, como a ecologia integral, proposta por pensadores como Boff e aprofundada por documentos como a encíclica *Laudato Sí*, do Papa Francisco. A ecologia integral entende que a crise ambiental não é apenas uma crise ecológica no sentido físico-biológico, mas uma crise profundamente ética, social e espiritual. Essa preocupação dos desafios que a crise ambiental que se instaura pode ser evidenciada na descrição do preâmbulo da Carta da Terra:

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo se torna cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações.¹⁶

A ecologia integral denuncia a perspectiva essencialmente utilitarista do ser humano, onde, sob esse paradigma, já não busca adaptar-se às dinâmicas naturais, mas, ao contrário, empenha-se em transformá-las segundo seus próprios interesses e objetivos. É justamente essa capacidade de modificação e o poder exercido sobre os ecossistemas que suscitam a necessidade de uma reflexão crítica e ética acerca

¹⁴ SUSIN, Luiz Carlos; SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. *Nosso planeta, nossa vida: ecologia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 49.

¹⁵ HANAZAKI, Natalia, *Introdução à Ecologia*. 2. ed. Florianópolis: blologia/Ead/UFSC, 2013, p. 14.

¹⁶ *CARTA da Terra*. Disponível em <A Carta da Terra - texto completo — EcoDesenvolvimento.org: Sustentabilidade, Meio Ambiente, Economia, Sociedade e Mudanças Climáticas> Acesso em 02 de mai. de 2025

da ecologia e da responsabilidade humana frente ao meio ambiente. O paradigma utilitarista faz com que o ser humano interprete de forma equivocada o sentido do segundo relato da criação, pois, como Reimer descreve, o ser humano possui íntima ligação com a terra e essa não é unicamente de dominação e subjugação, mas parte do pressuposto de que

Da ligação intrínseca do ser humano com a terra deriva também do “mandato divino” como expresso em Gênesis 2. 15: “Deus formou o *adam* e o colocou no jardim do Édem para o cultivar e guardar”. Aqui muda a linguagem. Não é mais a linguagem de poder e de dominação como em Gênesis 1. 28, mas é a linguagem do cuidado. É como se a essência deste *adam*, deste ser moldado a partir da terra fértil consistisse em revelar em suas ações no cotidiano a sua dimensão mais profunda: ser um ser de cuidado.¹⁷

A relação do ser humano com a terra, conforme expressa na narrativa bíblica, ultrapassa a mera funcionalidade ou dominação e adquire uma dimensão teológica e existencial e a partir disso propõe uma ética do cuidado, da responsabilidade e da reciprocidade. Essa perspectiva sugere que a essência humana não reside apenas em sua racionalidade ou capacidade produtiva, mas fundamentalmente em sua vocação para o cuidado. Nesse contexto, a narrativa bíblica oferece uma crítica implícita aos modelos de exploração indiscriminada dos recursos naturais e propõe uma ética ecológica enraizada na espiritualidade do cuidado. Essa leitura possibilita uma reinterpretação teológica das responsabilidades humanas diante da crise ambiental contemporânea, destacando a necessidade de um paradigma a partir da fé, sustentabilidade e justiça ecológica.

Conceito de Ecoteologia

A ecoteologia é compreendida não apenas como uma reflexão ética sobre a crise ambiental, mas como uma releitura teológica da criação à luz da fé cristã, que integra espiritualidade, ética e epistemologia. Ela constitui o eixo teórico central do trabalho, a partir do qual se articulam os aportes da hermenêutica bíblica, da teologia da esperança em Moltmann e da espiritualidade do cuidado em Boff.

Ao longo da história testemunhada pelos textos bíblicos, a natureza sempre foi envolta por um sentido de reverência e sacralidade. No entanto, essa percepção foi sendo gradualmente ofuscada por leituras fragmentadas da realidade e por modelos de dominação que romperam a relação entre humanidade e meio ambiente. A ecologia, enquanto ciência contemporânea, surge justamente como um alerta frente aos impactos da ação humana sobre o mundo natural. Para dialogar com essa nova sensibilidade ecológica, é necessário retomar o conceito bíblico de criação, não apenas como origem, mas como realidade viva e dinâmica. Essa retomada permite uma releitura teológica da relação entre ser humano e natureza, oferecendo bases para uma ecoteologia enraizada na tradição bíblica e atenta às urgências do tempo presente. A ecoteologia se constitui em uma abordagem teológica que busca refletir sobre a criação e a responsabilidade humana à luz da fé. Reconhece que a criação não é apenas um cenário onde a história da salvação acontece, mas parte ativa dessa história. Deus, ao criar o mundo, viu que “tudo era bom” (Gn 1), e isso confere à natureza um valor intrínseco, independentemente de sua utilidade para o ser humano.¹⁸

Essa perspectiva teológica resgata a ideia de que cuidar da criação é um ato de louvor ao Criador. A ecoteologia, assim, propõe uma reinterpretação do mandato bíblico de “dominar a terra” (Gn 1. 28), que ao longo da história foi compreendido de maneira equivocada como uma licença para a exploração desenfreada. A leitura contemporânea, à luz da ecologia, entende esse domínio como um chamado ao cuidado, à administração responsável e ao cultivo da vida em todas as suas formas. Esse olhar crítico exige

¹⁷ REIMER, 2007, p. 19.

¹⁸ MARKUS, Cledes; GIERUS, Renate. *O bem viver na criação*. São Leopoldo: Oikos, 2013, p. 24.

um reposicionamento ético diante da natureza, não apenas como um recurso a ser explorado, mas como parte de um sistema vivo e interdependente que reflete a obra do Criador. Nesse sentido, torna-se urgente considerar as consequências ambientais e sociais da intervenção humana, que tem contribuído de forma significativa para o desequilíbrio ecológico global.

O Ecofeminismo

Apresentado como um horizonte crítico e complementar à ecoteologia clássica, o ecofeminismo evidencia como as lógicas de dominação da natureza e de opressão das mulheres compartilham raízes simbólicas, culturais e teológicas comuns. O ecofeminismo é uma proposta crítica e integradora, que une os pressupostos da ecologia profunda com as reivindicações do feminismo. Essa corrente reconhece que os mesmos sistemas de dominação que oprimem as mulheres também exploram e degradam a natureza. A corrente parte do entendimento de que as comunidades naturais possuem dinâmicas próprias que garantem a manutenção da vida, mas que essas dinâmicas têm sido sistematicamente rompidas pela lógica patriarcal e exploratória da sociedade moderna. A intervenção humana, especialmente a partir de uma racionalidade instrumental e tecnocrática, aparece como um dos principais vetores de destruição dos ecossistemas. Ao se propor a crítica ecológica com a crítica social e de gênero, o ecofeminismo amplia a compreensão das causas e consequências da crise ambiental. Ele convida à reconstrução de uma ética do cuidado, com a Terra, com os corpos, com a vida, que dialoga tanto com a ciência quanto com uma espiritualidade sensível à integridade da criação.¹⁹

A ecoteologia feminista surge como uma resposta crítica à tradição teológica ocidental, que historicamente desvalorizou tanto o feminino quanto a natureza. Essa abordagem teológica reconhece o vínculo estrutural entre a marginalização das mulheres e o desprezo por tudo aquilo que é considerado “natural” ou “material”, traços profundamente enraizados na teologia cristã hegemônica. A ecoteologia feminista do Norte global desenvolveu-se influenciada por paradigmas como a hipótese de Gaia, que propõe que a Terra funciona como um organismo vivo, autorregulado, no qual a vida desempenha um papel essencial na manutenção de condições favoráveis à sua própria continuidade. Essa visão reforça a ideia de interdependência e de equilíbrio sistêmico, resgatando o valor intrínseco da Terra como um todo integrado e vital.²⁰

Em suas diversas vertentes, portanto, o ecofeminismo denuncia as raízes comuns entre a opressão das mulheres e a exploração da natureza, propondo uma ética relacional fundada no cuidado, na reciprocidade e na crítica às estruturas patriarcais de dominação.

A Ecosofia

A ecosofia é introduzida neste artigo como uma categoria integradora, necessária para ampliar a ecoteologia para além de uma ética normativa, incorporando uma sabedoria existencial, espiritual e relacional, sendo o seu conceito elaborado por Arne Naess. Ela permite compreender a crise ecológica não apenas como desequilíbrio ambiental, mas como ruptura do modo humano de habitar, conhecer e se relacionar com o mundo. Diferente de uma abordagem puramente científica, a ecosofia propõe uma sabedoria ecológica que une razão, ética e espiritualidade, buscando integrar o ser humano em uma relação mais consciente e equilibrada com o mundo que habita. Nesse sentido, a ecosofia busca oferecer soluções

¹⁹ RUETHER, Rosemary R. *Ecofeminismo: conexões simbólicas e sociais entre a opressão das mulheres e a dominação da natureza*. Estudos Teológicos, v. 32, no. 3 (p. 240-252), 1992. Disponível em < http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/976/945 > Acesso em 29 de abr. de 2025

²⁰ CHIPANA, Sofia; LEÓN, Ismael; MÜSSIG, Dietmar. *Ecoteologia: espiritualidades y prácticas para salvar la Madre Tierra*. La Paz: ISEAT, 2011, p. 38.

técnicas para a crise ambiental apontando para a necessidade de uma transformação interior, propondo um modo de vida pautado na harmonia com todas as formas de existência. Conforme Susin e Santos:

A Ecosofia, a sabedoria do *oikos*, deve ser entendida em 2 sentidos: a) Aprender a sabedoria da criação, suas leis, para poder viver em Harmonia. Aqui não se trata de “domar” a natureza; trata-se de uma nova aliança, baseada no respeito e na admiração. b) Aprender a conviver dentro do *oikos*. Nosso futuro comum parte de um passado e um presente que tem uma casa comum.²¹

A ecosofia, portanto, une a ecologia e a filosofia, propondo uma reflexão profunda sobre a relação entre os seres humanos e o meio ambiente. Trata-se de um chamado à superação da visão antropocêntrica e utilitarista da natureza, desafiando os paradigmas modernos de dominação e controle.²² Ao enfatizar a dimensão relacional da existência, aproxima-se das proposições ecofeministas, especialmente na valorização do cuidado, da reciprocidade e da espiritualidade como fundamentos para uma nova convivência com o planeta.

A ecosofia destaca a importância de se perceber o problema ambiental de forma sistêmica, conectando os aspectos ecológicos, sociais e subjetivos. Isso nos leva a refletir sobre a necessidade de integrar a ética e a política ambiental, como elementos indissociáveis que orientam tanto nossas práticas quanto a construção de uma nova cosmovisão ecológica, mais justa e integral. Entretanto, é interessante a contribuição de Guattari:

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais.²³

Em meio às crises socioambientais que se instauram atualmente cada vez mais é correta a afirmação de que não há resposta aos problemas se a solução não for pensada a partir da perspectiva global, que seja, sem pensar nas condições da vida em sua totalidade. As correntes de pensamento aqui apresentadas aprofundam e complementam a procura e, por conseguinte, o entendimento de uma solução para a crise climática global contemporânea. Há de se observar, agora, a contribuição específica de pensadores como Jürgen Moltmann e Leonardo Boff, importantes expoentes da ecoteologia contemporânea.

Ecoteologia a partir de Moltmann e Boff

A crise ecológica que atravessamos não pode ser enfrentada a partir de perspectivas fragmentadas ou restritas a tradições particulares. Ela exige um esforço conjunto, em que diferentes correntes teológicas dialoguem e se enriqueçam mutuamente. Nesse sentido, a ecoteologia contemporânea encontra a possibilidade de um diálogo fecundo e uma análise comparativa nos diálogos entre Jürgen Moltmann, teólogo protestante, e Leonardo Boff, teólogo católico, a partir de núcleos temáticos comuns, tais como criação, esperança, espiritualidade e ética ecológica. Ambos partem de contextos distintos, mas convergem no reconhecimento de que a crise ecológica não pode ser compreendida apenas como problema técnico, mas como questão teológica e espiritual, enraizada na própria relação do ser humano com Deus e com o mundo criado. Essa convergência revela um espaço ecumênico, no qual a teologia cristã pode oferecer respostas comuns e proféticas diante dos desafios ambientais globais. A exposição será conduzida em dois momentos principais: primeiro, a reconstrução da teologia ecológica da criação em Moltmann; segundo, a

²¹ SUSIN, SANTOS, 2011. p. 56.

²² GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990, p. 55.

²³ GUATTARI, 1990, p. 56.

ética do cuidado e a espiritualidade cósmica em Boff. Ao final, serão indicadas convergências e implicações epistemológicas decorrentes do diálogo entre ambos.

Moltmann e a Teologia da Criação

Ao longo da história, a relação entre humanidade e criação tem sido marcada por tensões entre cuidado e dominação. A teologia bíblica apresenta o ser humano como guardião da Criação, criado à imagem de Deus para agir com responsabilidade, justiça e reverência diante da natureza. No entanto, o distanciamento desse paradigma tem gerado sérias consequências, refletidas hoje na profundidade da crise ecológica global. A compreensão equivocada do mandato de Gênesis 1, ou seja, de “dominar e sujeitar”, alimentou práticas desordenadas, justificando a exploração ilimitada dos recursos naturais e o desprezo pelo equilíbrio ecológico. O problema, portanto, não está no mandato em si, mas na forma como ele foi interpretado e vivido. Não se trata apenas da forma como o ser humano age na natureza, mas da ruptura da relação entre a humanidade, Deus e a Terra. Ao deixar de se submeter a Deus, a humanidade rompe também com o propósito comum da criação, voltando-se para si mesma em uma atitude autocentrada, destrutiva e desintegradora. Essa ruptura teológica e ética se manifesta de forma concreta nas estruturas sociais e econômicas que regulam as relações humanas e ambientais. Pensar em ecologia a partir de uma perspectiva cristã exige recuperar o significado do mandato da criação, reconhecendo que o cuidado com a Terra não é apenas uma demanda ética ou política, mas uma expressão de reverência a Deus. A submissão da humanidade ao Criador é condição para que ela exerça corretamente o seu papel na Criação.

O deslocamento do lugar do ser humano no cosmos se intensifica a partir da modernidade, quando o antropocentrismo se consolida como paradigma dominante. O ser humano passa a ser visto como o centro de tudo, o ápice da criação, a “coroa” do mundo. Quando ser imagem e semelhança de Deus, não é mais entendido como vocação de serviço, mas como status de superioridade, o ser humano moderno se reinventa como criador de si mesmo, senhor absoluto de seu destino. A realidade, antes percebida como dom, passa a ser moldada segundo seus próprios interesses. A natureza torna-se, assim, refém de suas ambições, e o planeta, um espelho das feridas que ele próprio inflige à vida.²⁴ O avanço científico e tecnológico apenas torna mais perceptível o distanciamento do ser humano da Criação. Conforme Moltmann:

O ser humano foi criado como imagem de Deus para dominar sobre a natureza. Enquanto a Bíblia fundamenta a dominação do ser humano sobre a criação no fato de os seres humanos haverem sido criados à imagem e semelhança de Deus, Francis Bacon, ao contrário, vai afirmar que a dominação humana sobre a natureza é que comprovará a semelhança de Deus. Todavia, aqui deve ser feita a pergunta: a que tipo de imagem e semelhança está se referindo? Tal como Deus é o Senhor do Universo, assim também o ser humano deve, como sua imagem, também ser o senhor da terra. Já para Descartes, o ser humano se tornaria “senhor e proprietário da criação” por meio da ciência e da técnica.²⁵

Moltmann busca colocar o ser humano frente a frente com seu sentido último na Criação. O ser humano só pode ser visto como um ser dotado de conhecimento se participar da criação como figura criada que recebe a tarefa de ser jardineiro do lugar onde Deus viu beleza e perfeição. Deus coroa o ser humano como contemplador dessa beleza, e não como personagem principal. Entender a natureza como Criação de Deus significa, portanto, colocar numa relação maior o âmbito parcial da realidade, o qual já foi reconhecido, junto com aquele que ainda não foi reconhecido, mas que, a princípio, pode ser reconhecido.²⁶ Esse “personagem” da criação deve reconhecer a tarefa atribuída a ele quando se percebe em comunhão com o

²⁴ MOLTSMANN, Jürgen; BOFF, Leonardo. *Há esperança para a criação ameaçada?* Petrópolis: Vozes, 2014 p. 21.

²⁵ MOLTSMANN, BOFF, 2014, p. 22.

²⁶ MOLTSMANN, Jürgen. *Deus na criação: doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993, p. 66.

todo da criação e compreende a sua origem. Os relatos da Criação não apenas descrevem a criação do mundo, mas também estabelecem uma ordem simbólica e normativa para a vida humana e cósmica. Essa narrativa aponta para a interdependência entre os seres da criação e a responsabilidade do ser humano, como imagem de Deus.²⁷ Para Moltmann, a ecoteologia deve refletir sobre o distanciamento do ser humano que acabou resultando na compreensão de domínio da terra de forma desordenada. É necessário fazer uma interpretação inversa, a saber, que antes da ordenança de dominar e cuidar da criação, era ela quem cuidava do ser humano. Como Moltmann escreve, “ela [a criação] tem criado até os dias de hoje as condições ideais para a preservação da vida de todos os seres humanos. Na verdade, não é a criação que nos foi confiada, mas sim nós que fomos confiados aos cuidados dela”.²⁸

Diante da atual crise ambiental que ameaça a continuidade da vida no planeta, cresce a necessidade de uma reflexão teológica que esteja comprometida com as questões ecológicas. Como Moltmann descreve: “A teologia da natureza, que hoje é necessária e que deve ser ecológica, não deve satisfazer-se com a necessidade ideológica de uma concepção de mundo unitária, mas ela deve dar orientação para dentro da crise ecológica mundial”.²⁹ Essa teologia não pode se limitar a construções abstratas ou totalizantes, ela deve se comprometer com o presente, oferecendo fundamentos éticos e espirituais para a ação concreta diante do colapso ambiental. Nesse novo paradigma, a vida não pode mais ser pensada de forma isolada ou centralizada no ser humano. Há uma mudança fundamental na forma como nos relacionamos com o mundo e com o conhecimento. A esse respeito escreve Moltmann:

Começa-se a entender um sistema de vida a partir do seu respectivo meio ambiente. As coisas não mais estão relacionadas somente com os objetos em relação ao sujeito humano, mas, simultaneamente, também são vistas em sua própria estrutura de meio ambiente e em sua comunicação com o meio ambiente. Também é sujeito-pessoa começa a entender como os modos de (re)conhecimento de trabalho, a si próprio e a partir de seus ambientes locais e translocais.³⁰

Essa compreensão ecológica reconhece que tudo está interligado, que cada elemento da criação possui seu valor próprio e participa ativamente das dinâmicas do mundo natural. Ou seja, a identidade humana é moldada por suas relações com diferentes ambientes, o que exige uma ética enraizada na responsabilidade coletiva e no cuidado com o lugar onde se vive, reconhecendo a interdependência entre o ser humano e o restante da criação. Essa teologia ecológica propõe um olhar mais sensível e compassivo sobre o mundo natural. Compreender a natureza como obra de Deus implica reconhecer sua dignidade e seu sofrimento. Entender a natureza como criação significa, pois, perceber. A criação geme sob o peso da destruição causada pela ação humana e clama por libertação, uma libertação que também é espiritual, ecológica e social, e que exige uma conversão profunda no modo como habitamos o mundo.³¹

Ecoteologia a partir de Boff

A crise ecológica contemporânea revela não apenas um desequilíbrio ambiental, mas uma ruptura espiritual e civilizatória que exige conversão. Para Leonardo Boff, essa conversão implica redescobrir a criação como espaço teológico, expressão do Mistério que se comunica e se revela na história e no *cosmos*.³²

²⁷ MARKUS, GIERUS, 2013, p. 23.

²⁸ MOLTSMANN, BOFF, 2014, p. 19.

²⁹ MOLTSMANN, 1993, p. 64.

³⁰ MOLTSMANN, 1993, p. 65.

³¹ MOLTSMANN, 1993, p. 67.

³² BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 9.

A teologia cristã parte de uma experiência fundante que precede a própria formulação doutrinal, isto é, o encontro com o Mistério. A experiência de Deus, pessoal e comunitária, está na base de toda fé autêntica.³³ Esse Mistério, porém, não é um absoluto inacessível. Trata-se de um Mistério que se comunica e se revela historicamente, convocando à participação e ao diálogo, e não de uma experiência indiferenciada ou meramente “oceânica”.³⁴

É justamente nessa revelação amorosa que a criação se torna um espaço teológico. A criação não é um objeto neutro ou passível apenas de domínio técnico, mas uma realidade carregada de sentido. Nesse horizonte, afirma-se que Deus existe na criação e nela habita, de modo que “a criação está inserida no próprio processo trinitário, o processo de auto expressão de Deus. O mundo, portanto, possui um significado em si como expressão de Deus para Deus mesmo.”³⁵ Conhecer Deus em sua criação é fundamental para compreender quem somos e como nos relacionamos com Ele. A espiritualidade cristã autêntica precisa redescobrir o valor teológico do mundo natural como meio privilegiado de revelação, o que também exige um novo olhar, sensível, reverente e comprometido com a integridade da vida. Nessa linha, Boff propõe a categoria da “transparência” como mediação entre a transcendência e a imanência. Para o autor, não se trata de duas realidades opostas, mas de uma relação de mútuo pertencimento: a transcendência se manifesta na imanência, e o mundo, por sua vez, torna-se sinal e expressão do Transcendente. Em outras palavras, a presença de Deus no mundo transforma a realidade criada de algo meramente imanente em espaço de revelação. O mundo, portanto, não é negado, mas afirmado como lugar privilegiado da manifestação do divino.³⁶

A modernidade instaurou uma ruptura entre humanidade e natureza, consolidando um paradigma antropocêntrico fundado na autonomia absoluta da razão.³⁷ A criação passou a ser instrumentalizada e objetificada, gerando não apenas degradação ambiental, mas também uma crise de identidade humana. Ao devastar a criação, o ser humano compromete sua própria condição relacional.³⁸ É preciso resgatar a consciência de que “o ser humano é uma parte da natureza. Todas as outras formas de vida da natureza devem receber o cuidado dos seres humanos, independentemente de seu valor para as pessoas.”³⁹

A alternativa proposta por Boff ultrapassa uma ética normativa e assume caráter existencial. Trata-se de uma ética do cuidado que envolve responsabilidade afetiva, compromisso histórico e transformação das estruturas sociais. Conforme Zwetsch:

A ética compassiva proposta por Leonardo Boff, tanto entre os seres humanos quanto em relação ao planeta Terra. Para Boff, o cuidado como característica do éthos humano faz parte do modo de ser essencial da humanidade. Cuidar é mais que um ato. É uma atitude de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. Sem o cuidado, o ser humano deixa de ser humano. Colocar cuidado em tudo o que faz ou imagina é característica humana essencial e singular. E isso vale tanto para a esfera humana quanto na relação com o meio ambiente e o próprio cosmo. Para que o futuro seja diferente do que hoje está projetado nas estatísticas e no desdobramento do que já aconteceu e está planejado, é urgente assumir este novo éthos do cuidado, de sinergia, de benevolência e paz para com a Terra, a vida, a sociedade e o destino das pessoas, especialmente das grandes maiorias empobrecidas da Terra.⁴⁰

³³ SCHAPER, Valério Guilherme. *A moça que lia Boff: ética, transformação, utopia e ação*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 48, n. 2 (p. 156-176), 2008. Disponível em <http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4802_2008/et2008-2f_vschaper.pdf> Acesso em 23 de mai. de 2025.

³⁴ SCHAPER, 2008, p. 161.

³⁵ SCHAPER, 1998, p. 226.

³⁶ BOFF, 2012, p. 24.

³⁷ ZWETSCH, Roberto E. *Ecologia e espiritualidade: uma reflexão missiológica*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 48, n. 1 (p. 64-82), 2008, p. 67.

³⁸ SCHAPER, 1998, p. 230.

³⁹ MOLTSMANN, BOFF, 2014, p. 73.

⁴⁰ ZWETSCH, 2008, p. 69.

Essa ética do cuidado é inseparável de uma nova mística, uma sensibilidade espiritual que rompe com a indiferença interior e a insensibilidade diante do sofrimento alheio e da destruição da natureza. Essa postura leva à ação e à oração comprometida, capaz de escutar o clamor da criação oprimida e de engajar na construção de um futuro mais justo e solidário.⁴¹ Inspirados pelo exemplo de São Francisco de Assis, cuja relação com a natureza era marcada pela fraternidade, essa espiritualidade ecológica entende que “a ética ecológica não deve ser de domínio sobre a criação, mas se define pelo convívio com as coisas. [...] A experiência de Deus cria as condições de possibilidade para a fraternidade universal. Assim, ele é capaz de ver as coisas como sacramento de Deus no mundo.”⁴²

A teologia da criação não se limita ao passado, à origem do mundo, mas aponta para um horizonte escatológico. Leonardo Boff afirma a possibilidade de se poder “observar a compreensão de que toda a criação, o mundo, o cosmos, está transcendental e escatologicamente vocacionado a ser planificado, divinizado, enfim, formar uma radical unidade com Deus na riqueza das diferenças”.⁴³ A criação está em processo, em contínua gestação sob a palavra ainda ativa de Deus. Schaper salienta que “Boff entende que a passagem de Gênesis, na qual se afirmar que Deus viu que tudo quanto fez era bom, deve ser lida em sentido escatológico. [...] A palavra criadora de Deus ainda está sendo pronunciada sobre o cosmos.”⁴⁴ Esse dinamismo criacional revela que o mundo não é uma obra acabada, mas uma realidade em constante transformação, orientada para a plenitude em Deus. A teologia da criação, portanto, não olha apenas para o princípio, mas reconhece na história e no cosmos um movimento contínuo de realização e comunhão com o divino.

Essa visão confere sentido e dignidade à criação, que é chamada à plenitude, não ao extermínio.⁴⁵ A salvação cristã não é apenas uma realidade espiritual ou futura, mas uma realidade que começa na história, na relação com o mundo e com os outros. Nesse sentido Dalferth destaca que “Boff formula, em sua teologia, um conceito holístico de graça, no esforço de uma continuidade da graça divina criacional-histórica e cristológica-escatológica, sem uma separação dicotômica entre manifestações humanas na história e a salvação.”⁴⁶ A resposta cristã à crise ecológica não pode ser meramente teórica. Ela exige uma conversão profunda, pessoal e comunitária. Em sua Encíclica *Laudato Sí*, Papa Francisco propõe que

A crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior. Entretanto, temos de reconhecer também que alguns cristãos, até comprometidos e piedosos, com o pretexto do realismo pragmático frequentemente se burlam das preocupações pelo meio ambiente. Outros são passivos, não se decidem a mudar os seus hábitos e tornam-se incoerentes. Falta-lhes, pois, uma conversão ecológica, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus. Viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial de uma existência virtuosa.⁴⁷

A conversão ecológica implica reconhecer a interdependência estrutural entre todos os seres e superar os limites de uma racionalidade fragmentada. A ética do cuidado proposta por Boff exige revisão

⁴¹ MOLTSMANN, BOFF, 2014, p. 47.

⁴² WESTPHAL, Euler Renato. *O pensamento trinitário em Leonardo Boff: comunhão e criação*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 48, n. 2 (p. 27-50), 2008. Disponível em <http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4802_2008/et2008-2b_ewestphal.pdf> Acesso em 23 de mai. de 2025.

⁴³ SCHAPER, Valério Guilherme. *A experiência de Deus como transparência do mundo: o pensar sacramental em Leonardo Boff entre história e cosmologia*. São Leopoldo, 1998, p. 225.

⁴⁴ SCHAPER, 1998, p. 226.

⁴⁵ MOLTSMANN, BOFF, 2014, p. 31.

⁴⁶ DALFERTH, Silfredo Bernardo. *A graça de Deus e o ethos da graça: experimento: o conceito da graça na teologia de L. Boff e a releitura de textos de Lutero*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 48, n. 2 (p. 120-155), 2008. Disponível em <http://www3.est.edu.br/publicacoes/estudos_teologicos/vol4802_2008/et2008-2e_sdalferth.pdf> Acesso em 23 de mai. de 2025.

⁴⁷ FRANCISCO, Papa. *Laudato Sí*. Disponível em <Laudato si' (24 de maio de 2015) | Francisco> Acesso em 11 de mai. de 2025.

dos modelos de desenvolvimento, produção e consumo, articulando mística, política e responsabilidade socioambiental em uma nova sensibilidade ecológica integral.⁴⁸

A teologia da criação, especialmente em sua vertente libertadora, ultrapassa o mero discurso sobre o mundo natural para assumir uma função crítica e transformadora da realidade. Essa teologia denuncia as estruturas de opressão que afetam tanto os pobres quanto a própria Terra, articulando mística, ética e política em uma proposta de libertação integral. Como descreve Schaper partindo dos escritos de Boff

a situação na América Latina coloca como urgente a elaboração de uma oração na ação, dentro da ação e com a ação, ou mais complexamente: uma oração-libertação ("*contemplativus in liberatione*"), isto é, uma oração-ação política, social, histórica, transformadora. Numa formulação mais precisa, a questão coloca-se em termos de mística e política.⁴⁹

Essa articulação entre espiritualidade e compromisso com a justiça é constitutiva do *ethos* cristão. A Teologia da Libertação reconhece que a pobreza não é uma simples condição social, mas sim uma injustiça com a vida. Essa posição, afirmada por Dalferth, diz que

O *ethos* cristão tem a dimensão da identificação. A partir da "pobreza-engajamento", a "pobreza-pecado" é combatida. A partir da Teologia da Libertação, a pobreza é um "pecado social, como uma injustiça que ofende a Deus e ao irmão". O amor cristão está centrado na solidariedade como identificação e vivência dentro da situação de pobreza, no despojamento, indo "ao encontro do outro como outro".⁵⁰

Esse movimento de saída de si em direção ao outro, especialmente ao outro ferido, seja a pessoa humana, seja a criação ferida, revela o núcleo ético da fé cristã. Nesse contexto, a responsabilidade humana precisa ser redimensionada a partir da promoção da vida. A ética do cuidado e o reconhecimento da interdependência entre todos os seres levam à formulação de uma nova sensibilidade ecológica, capaz de nomear a Terra não apenas como recurso. Como destaca Moltmann, "uma coisa é dizer que a Terra que eventualmente pode ser comprada, vendida, explorada economicamente. Outra coisa é dizer mãe Terra, porque a mãe não se pode vender, comprar, nem explorar, mas amar, cuidar, venerar."⁵¹ Por isso, ao atribuir valores à Terra acarreta a formulação da compreensão de que, tal como o ser humano, ela também possui direitos e precisa ser tratada com respeito e dignidade.

Essa mudança de paradigma resgata a dimensão criacional da natureza a partir da própria revelação bíblica. Tal como pode ser observado nos relatos da criação, "a Terra não é um sujeito dos seres humanos, mas sim uma criatura criadora e, por isso mesmo, algo de caráter único. Ela faz surgir a vida e produz seres vivos e animais selváticos, segundo a sua espécie (Gn 1,24)."⁵² É neste ponto que Moltmann destaca que a vida humana e a criação estão interconectadas e, por isso, necessita ser vista com dignidade e respeitada. Isso demonstra que a criação não é apenas cenário da história da salvação, mas participante ativa e contínua do processo divino de gerar vida. A partir dessa visão, conhecer a Deus exige olhar atentamente para sua criação, pois, é a partir deste conhecer a Deus em sua criação que se pode entender o que é o ser humano. A pedagogia teológica que emerge desse princípio é encarnada, sensível à vida concreta e à experiência cotidiana do mundo e a isso Schaper recorre a afirmação de Boff quando escreve:

O ser humano está chamado a ser imagem e semelhança de Deus. Colocado pela criação, entre Deus e o mundo, o ser humano corresponde a esse chamamento quando, como Deus, cria e organiza a terra. Chamado

⁴⁸ FRANCISCO, Papa. *Laudato Si'*. Disponível em <Laudato si' (24 de maio de 2015) | Francisco> Acesso em 11 de mai. de 2025.

⁴⁹ SCHAPER, 2008, p. 162.

⁵⁰ DALFERTH, 2008, p. 128.

⁵¹ MOLTSMANN, BOFF, 2014, p. 85.

⁵² MOLTSMANN, BOFF, 2014, p. 37.

a assenhorear-se do mundo, o ser humano também o faz por uma necessidade intrínseca, pois, à diferença do animal, o ser humano precisa transformar humanamente o mundo ao seu redor para sobreviver.⁵³

No entanto, essa criatividade humana, fruto do dom da liberdade, precisa ser exercida de forma sábia e responsável. A saber que, o ser humano, ao buscar compreender e racionalizar a realidade, desenvolve continuamente instrumentos e técnicas com o intuito de dominar e transformar o mundo conforme seus projetos. Essa dinâmica de domínio, por outro lado, só se mantém legítima quando permanece orientada pelo chamado divino, conservando em Deus sua referência última e o fundamento de sua ação transformadora sobre a criação.⁵⁴

A crise ambiental contemporânea, como se vê, é o sintoma de uma desorientação ética e espiritual. Diante disso, a consciência ecológica global precisa ser urgentemente despertada e, para que possa ser estudada, se faz necessário elevá-la a outro patamar, dando a devida importância ao planeta em sua totalidade, visando o destino para o qual seguem os seres humanos e a criação. O destino ao qual segue a existência mostra a cada dia as consequências da desenfreada destruição que o ser humano provoca sobre a criação como um todo.⁵⁵ A teologia é chamada a assumir uma nova postura diante da modernidade e da técnica, promovendo uma crítica profética aos modelos de desenvolvimento e propondo alternativas sustentáveis e solidárias. Diante desta preocupação, é interessante o posicionamento destacado por Schaper em Boff:

A TdL [Teologia da Libertação] procura justamente criar clareza acerca do projeto societário e, a partir dele, pensar o poder que se expressa mediante a ciência e a técnica. Assim, continua Boff, a TdL só concebe uma mundialização tecnológica, ordenada a um projeto de política mundial que envolve humanização, cidadania, equidade, bem estar humano e ecológico e respeito às diferenças culturais como atitude de abertura para a reciprocidade cultural. Nesses termos, a TdL aproxima-se, em sua preocupação fundamental, do que Boff define como ecologia social. A ecologia social estuda os seres humanos e os sistemas sociais em sua interação com os ecossistemas.⁵⁶

Essa proposta exige não apenas políticas públicas e mudanças estruturais, mas uma nova forma de ser e de crer. A espiritualidade ecológica cristã nasce do reconhecimento da Terra como dom sagrado e da vocação humana como guardião da vida. Trata-se de unir mística e justiça, contemplação e compromisso, fé e transformação social, no espírito da oração libertadora que ora com os pés na Terra e os olhos voltados para o Reino de Deus.

Considerações finais

Neste artigo, refletimos sobre a relação entre a fé cristã, a criação e a responsabilidade do ser humano diante da crise ecológica que ameaça a vida no planeta. A ecoteologia, enquanto caminho teológico, ético e espiritual, revelou-se não apenas como uma área do saber, mas como um verdadeiro chamado à conversão, uma reorientação profunda do nosso modo de habitar a Terra. Partindo dos relatos bíblicos da criação, especialmente os capítulos de Gn.1-2, compreendemos que a missão humana nunca foi de dominação destrutiva, mas de cuidado, cultivo e preservação. O ser humano é jardineiro do mundo, não dono absoluto dele. É uma criatura entre as criaturas, convidada a participar da harmonia divina que sustenta o *cosmos*. Neste contexto, torna-se ainda mais relevante o apelo profético do Papa Francisco, que

⁵³ SCHAPER, 1998, p. 227.

⁵⁴ SCHAPER, 1998, p. 228.

⁵⁵ SCHAPER, 1998, p. 247.

⁵⁶ SCHAPER, 1998, p. 250.

nos recorda: “Das mãos de Deus recebemos um jardim, aos nossos filhos não podemos deixar um deserto.”⁵⁷ Essa frase nos interpela como cristãos, como cidadãos e como habitantes da mesma casa comum. O jardim entregue em nossas mãos por Deus não é uma metáfora distante, é o planeta real, com suas florestas, rios, animais, povos e culturas. Deixá-lo definhando, contaminado pela ganância e pelo egoísmo, é trair não apenas a confiança do Criador, mas também o direito das futuras gerações à vida plena.

A teologia, quando enraizada na vida, não se isenta das dores do mundo. Ao contrário, ela se compromete com a justiça, com a paz e com a integridade da criação. A espiritualidade ecológica, por sua vez, nos convida a reencontrar o sagrado no cotidiano da Terra, reconhecendo que cada ser, do menor ao maior, reflete algo da beleza e da bondade de Deus. Nessa perspectiva, preservar a natureza é também um ato de louvor, uma forma concreta de espiritualidade encarnada. A reflexão conjunta entre Moltmann e Boff permite perceber que a ecoteologia contemporânea não pode restringir-se a um campo confessional ou disciplinar, mas deve nascer do diálogo, da escuta e da cooperação entre diferentes tradições. Se em Moltmann encontramos uma teologia da esperança que se abre para a criação como horizonte escatológico de comunhão, em Boff reconhecemos uma espiritualidade da Terra que convoca à conversão ecológica no aqui e agora. Ambos contribuem para deslocar a teologia da esfera meramente antropocêntrica para uma perspectiva cosmoandrica, em que Deus, ser humano e criação se encontram em reciprocidade. Essa convergência oferece à ecoteologia não apenas fundamentos teóricos, mas também uma práxis engajada, que articula justiça social, cuidado ambiental e espiritualidade integral.

A ecoteologia, contudo, não pode permanecer apenas como resposta ética cristã à crise ambiental ou como fonte de espiritualidade integral. Para ser realmente uma alternativa ao paradigma moderno de exploração da Terra, ela precisa avançar para o campo da epistemologia, propondo novos modos de conhecer e interpretar o mundo, cujo paradigma atual é marcado pela dicotomia entre o ser humano e a natureza. A ecoteologia significará, portanto, superar a cisão moderna entre sujeito e objeto e recuperar uma forma de conhecimento relacional, em que o ser humano não se coloca nem como senhor nem como mero observador exterior da Criação, mas como parte integrante de uma rede de interdependências. O conhecimento, nesse sentido, deixa de ser exercício de poder e dominação, para se tornar experiência de comunhão, contemplação e participação no processo dinâmico e vital da Criação. Trata-se de ensaiar um modo de conhecer o mundo distinto do paradigma moderno, fundado sobre a objetificação do mundo;⁵⁸ trata-se, isso sim, de um modo de conhecer fundado no “encontro com o mundo”.⁵⁹

Assim, ao integrar ética, espiritualidade e epistemologia, a ecoteologia oferece um caminho de “reencantamento do mundo”, rompendo com o reducionismo moderno e abrindo espaço para uma racionalidade mais ampla, capaz de articular ciência, fé, mística e cuidado. Essa nova epistemologia, enraizada na sacramentalidade da criação e orientada por uma esperança escatológica, não apenas denuncia os limites do pensamento moderno, mas propõe alternativas concretas para uma epistemologia ecológica integral, comprometida com a vida em todas as suas formas. Essa epistemologia enraizada na sacramentalidade, conforme Boff: “Não se trata de misticismo ou de um sacramentalismo exacerbado; é tirar as legítimas consequências, contidas já em germe nas palavras *Hoc es enim Corpus meum*”. O modo de conhecer sacramental “prolonga, de alguma forma, a Encarnação do Verbo, e o pereniza na sua ligação aos elementos dentro de nosso cosmos”.⁶⁰ A ecoteologia prolonga essa fé à relação do ser humano com a Criação,

⁵⁷ FRANCISCO, Papa. *Plataforma de Ação Laudato si'* – mensagem de vídeo. Vaticano, 25 maio 2021. Disponível em <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-05/papa-francisco-mensagem-video-plataforma-de-acao-laudato-si-21.html>> Acesso em 23 de abr. de 2025.

⁵⁸ BOFF, 2012, p. 37.

⁵⁹ BOFF, 2012, p. 31.

⁶⁰ BOFF, Leonardo. *Evangelho do Cristo Cósmico: a busca da unidade do Todo na ciência e na religião*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 40-41.

não mais como objeto neutro onde se desenrola a história da salvação, mas sinal visível da graça que rompe com todo tipo de objetificação.

Ao explicitar seu percurso metodológico e articular de modo comparativo as contribuições de Moltmann e Boff, este artigo reafirma a ecoteologia como horizonte teológico capaz de integrar criação, esperança e cuidado, oferecendo não apenas uma resposta ética à crise ecológica, mas uma alternativa epistemológica e espiritual ao paradigma moderno de dominação da Terra. O diálogo entre Moltmann e Boff evidencia que a esperança escatológica e a ética do cuidado não são dimensões separadas, mas expressões convergentes de uma mesma reconfiguração teológica da relação entre Deus, humanidade e criação.

Referências Bibliográficas

BOFF, Leonardo. *Evangelho do Cristo Cósmico: a busca da unidade do Todo na ciência e na religião*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BOFF, Leonardo. *Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CARTA da Terra. Disponível em <A Carta da Terra - texto completo — EcoDesenvolvimento.org: Sustentabilidade, Meio Ambiente, Economia, Sociedade e Mudanças Climáticas> Acesso em 02 de mai. de 2025.

CHIPANA, Sofia; LEÓN, Ismael; MÜSSIG, Dietmar. *Ecoteologia: espiritualidades y prácticas para salvar la Madre Tierra*. La Paz: ISEAT, 2011.

DALFERTH, Silfredo Bernardo. *A graça de Deus e o ethos da graça: experimento: o conceito da graça na teologia de L. Boff e a releitura de textos de Lutero*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 48, n. 2 (p. 120-155), 2008.

FRANCISCO, Papa. *Plataforma de Ação Laudato si'* – mensagem de vídeo. Vaticano, 25 maio 2021. Disponível em <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-05/papa-francisco-mensagem-video-plataforma-de-acao-laudato-si-21.html>> Acesso em 23 de abr. de 2025.

GERSTENBERGER, Erhard S. *Teologias no Antigo Testamento: pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, CEBI, EST, 2007.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.

HANAZAKI, Natalia. *Introdução à Ecologia*. 2. ed. Florianópolis: bIologIa/Ead/UFSC, 2013.

MARKUS, Cledes; GIERUS, Renate. *O bem viver na criação*. São Leopoldo: Oikos, 2013.

MOLTMANN, Jürgen; BOFF, Leonardo. *Há esperança para a criação ameaçada?* Petrópolis: Vozes, 2014.

MOLTMANN, Jürgen. *Deus na criação: doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993.

REIMER, Haroldo. *Gênesis: casa comum: espaço de vida, cuidado e felicidade: Encontros Bíblicos, Gênesis 1 a 11*. São Leopoldo: CEBI, 2007.

RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2010.

RUETHER, Rosemary R. *Ecofeminismo: conexões simbólicas e sociais entre a opressão das mulheres e a dominação da natureza*. Estudos Teológicos, v. 32, no. 3 (p. 240-252), 1992. SCHAPER, Valério Guilherme. A moça que lia Boff: ética, transformação, utopia e ação. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 48, n. 2 (p. 156-176), 2008.

SCHAPER, Valério Guilherme. *A experiência de Deus como transparência do mundo: o pensar sacramental em Leonardo Boff entre história e cosmologia*. São Leopoldo, 1998.

SCHWANTES, Milton. *Ensaio sobre uma Teologia do Antigo Testamento: Questões abertas e Gn 1-11*. São Leopoldo: s.n.], 1980.

SUSIN, Luiz Carlos; SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. *Nosso planeta, nossa vida: ecologia e teologia*. São Paulo: Paulinas, 2011.

WESTPHAL, Euler Renato. *O pensamento trinitário em Leonardo Boff: comunhão e criação*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 48, n. 2 (p. 27-50), 2008.

ZWETSCH, Roberto E. *Ecologia e espiritualidade: uma reflexão missiológica*. Estudos Teológicos, São Leopoldo, v. 48, n. 1 (p. 64-82), 2008.

Editor Responsável: Waldir Souza

Recebido/Received: 02.09.2025 / 09.02.2025

Aprovado/Approved: 14.02.2026 / 02.14.2026